

I

Ao entardecer de um dia de princípios de Julho, com um tempo invulgarmente quente, um jovem saiu do seu cubículo subalugado a uns moradores da ruela S. e caminhou devagar, como que indeciso, em direcção à ponte K.

Conseguiu evitar o encontro com a senhoria na escada. O seu cubículo ficava mesmo por baixo do tecto de um alto prédio de quatro andares e mais parecia um armário do que um aposento. Quanto à senhoria, que lhe alugava esse cubículo com almoço e serviço de criada, morava logo abaixo dele um lanço de escadas, num apartamento separado; e de cada vez que ele saía à rua, tinha de passar junto à cozinha da senhoria, quase sempre de porta escancarada para o patamar. E sempre que passava diante daquela porta, o jovem experimentava uma sensação doentia e cobarde, da qual se envergonhava e que o obrigava a franzir o sobrolho. Estava completamente endividado à senhoria e receava encontrar-se com ela.

Não é que fosse medroso e poltrão, muito pelo contrário; mas já havia algum tempo que andava num estado de irritação e tensão parecido com a hipocondria. Ensimesmara-se de tal modo e isolara-se tanto de toda a gente, que receava todos os encontros e não apenas o encontro com a senhoria. A pobreza esmagava-o, mas até essa situação de constrangimento já não o incomodava nos últimos tempos. Deixou por completo de tratar dos assuntos do dia-a-dia e não queria ocupar-se deles. No fundo, não tinha medo de nenhuma senhoria, o que quer que maquinasse contra ele. Mas parar na escada, ouvir todos os disparates sobre bagatelas corriqueiras de que não queria saber, todas as insistências por causa do pagamento, as ameaças, as queixas, e com tudo isso ainda ter de se furtar, de se desculpar, mentir — não, mais valia esgueirar-se como um gato pela escada e desaparecer, para que ninguém o visse.

Aliás, desta vez o medo de se encontrar com a sua credora ao sair para a rua deixou-o até estupefacto.

«Quero tentar uma coisa daquelas e ao mesmo tempo tenho medo destas bagatelas! — pensou com um estranho sorriso. — Hum... sim... tudo está nas

mãos do homem e ele deixa passar tudo diante do nariz, apenas por covardia... isto é um axioma... Interessante: de que é que as pessoas têm mais medo? De dar um novo passo, de proferir uma nova palavra, é disso que têm mais medo... De resto estou um grande tagarela. Não faço nada devido à minha tagarelice. Ou talvez seja por não fazer nada que sou tão tagarela. Durante este último mês, aprendi a tagarelar, deitado dias inteiros no meu canto a pensar... no rei de copas. Mas para que vou eu agora lá? Pois serei capaz de fazer *aquilo*? Será *aquilo* a sério? Não é nada a sério. Ando a entreter-me com uma fantasia, uma brincadeira! Sim, talvez seja uma brincadeira!»

Na rua estava um calor horrível; além disso, o ar abafado, a azáfama, por todo o lado (cal, andaimos, tijolos, poeira e aquele especial fedor de Verão), tão conhecido de todos os petersburgueses que não têm a possibilidade de alugar uma casa de campo — tudo isso transtornou de vez os já abalados nervos do jovem. O fedor insuportável das tabernas, particularmente numerosas naquela parte da cidade, e os bêbedos que encontrava a cada passo, apesar de serem horas de trabalho, completavam o colorido abominável e triste do quadro. Um sentimento de profunda repugnância perpassou por instantes pelo rosto de traços finos do jovem. A propósito, era um rapaz extraordinariamente bonito, com uns belos olhos escuros, de cabelo castanho claro, estatura mais alta do que a média, esbelto e bem constituído. Mas depressa caiu como que numa profunda meditação, ou até, melhor dizendo, numa espécie de devaneio, e lá foi, sem reparar, nem querer reparar naquilo que se passava à sua volta. Só de vez em quando murmurava qualquer coisa para si mesmo, pelo hábito que tinha dos monólogos, coisa que a si próprio confessava. Naquele momento, estava consciente de que os seus pensamentos se confundiam por vezes e de que estava muito fraco: havia dois dias que quase não comia nada.

Ia tão mal vestido que outro qualquer, mesmo acostumado a isso, teria vergonha de sair de dia à rua com semelhantes andrajos. De resto, aquele era um bairro onde seria difícil surpreender alguém pelo modo de vestir. A proximidade da Praça Sennaia, a profusão de certos estabelecimentos de má nota, e o predomínio de uma população de operários e artesãos, amontoada naquelas ruas e ruelas interiores de Petersburgo coloriam, por vezes, o panorama geral com sujeitos tais que o estranho seria alguém surpreender-se com qualquer figura. Mas havia já tanto desprezo malévolo acumulado na alma daquele jovem que, a despeito de toda a sua jovem meticulosidade, o que menos o envergonhava na rua eram os seus andrajos. O caso era diferente se encontrasse alguns conhecidos ou antigos companheiros, com os quais em geral não gostava de se encontrar... Entretanto, quando um bêbedo, transportado sabe-se lá porquê ou para onde pela rua numa enorme carroça, puxada por um enorme cavalo de tiro, lhe gritou de repente ao passar: «Eh, tu, chapeleiro alemão!» — e começou a berrar a plenos pulmões apontando

para ele, — o jovem parou de repente e levou convulsivamente a mão ao chapéu. Era um chapéu alto, redondo, da Zimmermann¹, mas estava já muito surrado, ruço, cheio de buracos e de nódoas, sem abas e inclinado para o lado da maneira mais indecorosa. Mas não foi a vergonha, foi outro sentimento, parecido com o medo, que se apossou dele.

— Eu já sabia — murmurou, perturbado — já tinha pensado nisso! É o pior de tudo! Uma qualquer tolice, uma qualquer bagatela miserável, pode estragar todo o plano! Sim, o chapéu dá demasiado nas vistas ... É ridículo, e isso torna-o notado... Para os meus andrajos, preciso sem falta de um boné, nem que seja uma qualquer casqueta velha, e não este monstro. Já ninguém usa disto, reparam nele à légua, depois lembram-se... O principal é que depois se lembram, e será uma prova. Neste assunto é preciso passar o mais possível despercebido... Os pormenores, o mais importante são os pormenores!... Pois são esses pormenores que sempre deitam tudo a perder...

Não tinha de andar muito; até sabia quantos passos iam desde o portão do seu prédio: setecentos e trinta certos. Contara-os uma vez, levado por devaneios. Nesse tempo, ele próprio ainda nem acreditava nesses seus sonhos e apenas se exasperava com a audácia deles, hedionda mas sedutora. Mas agora, passado um mês, já começava a olhar de outro modo e apesar de todos os monólogos em que escarnecia da própria impotência e indecisão, habituara-se, até como que involuntariamente, a considerar esse sonho «hediondo» já como um empreendimento, embora não acreditasse ainda em si próprio. Ia mesmo agora fazer um *ensaio* da sua empresa, e a cada passo a emoção tornava-se cada vez mais forte.

Com o coração desfalecido e uma tremura nervosa, aproximou-se do enorme prédio, que de um lado dava para o canal e do outro para a rua. Este prédio estava todo ele dividido em apartamentos minúsculos e era habitado por gente de toda a espécie de profissões — alfaiates, serralheiros, cozinheiras, diversos alemães, raparigas que viviam por sua conta, pequenos funcionários e outros. Era um corrupio de gente a entrar e a sair pelos dois portões e pelos dois pátios do prédio. Trabalhavam ali três ou quatro porteiros. O jovem ficou contente por não se encontrar com nenhum deles. Deslizou imediatamente, sem ser visto, do portão para a escada à direita. A escada era escura e estreita, «de serviço», mas ele já tinha estudado e conhecia tudo aquilo, aquele ambiente agradava-lhe: com aquele escuro, até um olhar curioso não constituía perigo. «Se agora já estou com tanto medo, o que aconteceria se realmente tivesse de algum modo de chegar à *acção*?...» — pensou involuntariamente, ao passar pelo quarto piso. Aqui, carregadores, soldados aposentados que retiravam móveis de um apartamento, barraram-lhe a passagem. Ele já sabia que naquele apartamento vivia um funcionário civil alemão com a família: «Portanto, este alemão vai-se mudar e, portanto, no terceiro andar, deste lado da escada e neste patamar, durante algum tempo

só o apartamento da velha estará ocupado. Isso é bom... por causa das dúvidas...» — pensou de novo, e tocou à porta da velha. A campainha emitiu um som fraco, como se fosse feita de lata e não de cobre. Em quase todos os apartamentos dos prédios como aquele, as campainhas eram assim. Já se tinha esquecido do toque daquela campainha e agora aquele som especial como que lhe recordava de repente qualquer coisa e lha representava com nitidez... Estremeceu, os nervos estavam desta vez demasiado fracos. Pouco depois a porta abriu-se numa estreita fresta: a moradora examinava o visitante pela fresta com visível desconfiança, e apenas se lhe viam os olhinhos a brilhar no escuro. Mas, ao ver mais pessoas no patamar, ganhou ânimo e abriu a porta completamente. O jovem transpôs o limiar para um vestíbulo escuro, dividido por um tabique para lá do qual havia uma cozinha minúscula. A velha estava diante dele em silêncio e olhava-o com ar interrogador. Era uma velha miudinha e seca, dos seus sessenta anos, com uns olhinhos vivos e maus, um nariz afilado e tinha a cabeça descoberta. Os cabelos loiros desbotados, com poucas brancas, estavam besuntados de óleo. No pescoço fino e comprido, que parecia uma pata de galinha, trazia enrolado um qualquer pano de flanela, e nos ombros, apesar do calor, oscilava-lhe um casaquinho curto de pele, surrado e amarelecido. A velha tossia e gemicava a todo o instante. O jovem olhou-a, por certo de algum modo especial, porque também nos olhos dela voltou a brilhar de repente a anterior desconfiança.

— Raskólnikov, estudante, estive cá há um mês — apressou-se o jovem a murmurar, esboçando uma vénia, ao lembrar-se de que era preciso ser mais amável.

— Lembro-me, meu senhor, lembro-me muito bem de que estive cá — disse a velha distintamente, sem desviar os olhos interrogativos da cara dele.

— Pois... e aqui estou outra vez, para o mesmo negócio... — continuou Raskólnikov um pouco perturbado e a estranhar a desconfiança da velha.

«Talvez ela seja sempre assim, e eu da outra vez não tenha reparado» — pensou com uma sensação desagradável.

A velha ficou calada por momentos, como se reflectisse, depois afastou-se para o lado e, indicando-lhe a porta da sala, disse, deixando-o entrar:

— Entre, meu senhor.

A pequena sala para onde o jovem entrou, com papel de parede amarelo, com gerânios e cortinas de musselina nas janelas, estava naquele momento profusamente iluminada pelo sol poente. «Também *então* o sol brilhará assim!...» — perpassou involuntariamente pelo espírito de Raskólnikov, que lançou um olhar rápido por tudo o que havia na sala, para estudar e fixar, na medida do possível, a sua disposição. Mas não havia nada de especial na sala. A mobília, toda muito velha e de madeira amarela, era constituída por um divã com um grande espaldar de madeira arqueado, uma mesa oval em frente do divã, um toucador com um pequeno espelho no espaço entre as

duas janelas, cadeiras junto às paredes e dois ou três quadros baratos em molduras amarelas, representando meninas alemãs com pássaros nas mãos — e era todo o mobiliário. A um canto havia uma lâmparina acesa diante de um pequeno ícone. Tudo estava muito limpo: os móveis e o chão polidos, tudo brilhava. «Trabalho de Lizaveta» — pensou o jovem. Não era possível encontrar um grão de poeira no apartamento. «Só as viúvas velhas e más mantêm um asseio destes» — continuou Raskólnikov para si mesmo e olhou com curiosidade a cortina de chita diante da porta que dava para o segundo quarto, minúsculo, onde se encontrava a cama da velha e a cómoda e que ele nunca tinha visto. Todo o apartamento era constituído por esses dois quartos.

— O que deseja — perguntou a velhinha com severidade, entrando no quarto e postando-se diante dele, como antes, a fim de o olhar de frente no rosto.

— Trouxe uma coisa para empenhar, isto! — E tirou do bolso um velho relógio de prata, achatado. No verso da caixa tinha gravado um globo terrestre. A corrente era de aço.

— Mas o prazo da outra penhora já passou. Já fez anteontem um mês que acabou.

— Eu pago-lhe o juro de mais um mês; tenha paciência.

— Isso depende da minha vontade, meu senhor: ter paciência ou vender imediatamente o seu objecto.

— Quanto me dá pelo relógio, Aliona Ivánovna?

— Vem-me sempre com estas bugigangas que não valem nada, meu senhor. Na última vez dei-lhe duas notas pelo anel, e se fosse ao joalheiro podia comprá-lo novo por um rublo e cinquenta.

— Dê-me quatro rublos, eu depois desempenho-o, era do meu pai. Vou receber dinheiro em breve.

— Rublo e meio, e juro adiantado, se quiser.

— Rublo e meio! — exclamou o jovem.

— Como queira. — E a velha devolveu-lhe o relógio. O jovem aceitou-o e ficou tão indignado que quis logo sair; mas imediatamente reconsiderou, lembrando-se de que não tinha mais aonde ir e de que viera também por outra coisa.

— Dê cá! — disse com brusquidão.

A velha meteu a mão no bolso à procura das chaves e dirigiu-se ao outro quarto, atrás da cortina. O jovem, ficando sozinho no meio da sala, escutava curioso e pensava. Ouvia como a velha abria a cómoda. «Deve ser a gaveta de cima — pensava. — Ela traz as chaves no bolso direito, portanto... Todas num único molho, numa argola de aço... E há uma chave três vezes maior do que as outras, com o palhetão denteado, que não é por certo da cómoda... Portanto deve haver ainda algum cofre, ou baú ... Isto é interessante. Os baús têm sempre chaves daquelas... Mas como tudo isto é repugnante...»